



Estação Antártica, a reconstrução de um sonho



ODEBRECHT

Defesa e Tecnologia

Contribuindo para a defesa das Águas Jurisdicionais Brasileiras.

FOTO CEDIDA DCNS

A Odebrecht Defesa e Tecnologia oferece soluções que contribuem para a garantia da defesa do mar territorial brasileiro e proteção de suas riquezas. Tais soluções envolvem estratégias, equipamentos, sistemas integrados de comando e controle, e serviços de gestão em defesa e segurança de alta tecnologia e valor agregado para as Forças Armadas.

www.odebrecht.com



A 9ª edição desse periódico leva ao conhecimento do leitor as muitas frentes de atuação dos setores da Marinha em prol da defesa do País. Seja por meio de treinamentos, ações ou desenvolvimento de tecnologias, onde evoluímos a cada dia.

A matéria de capa traduz os esforços empreendidos na escolha de um projeto arquitetônico para a reconstrução da nova Estação Antártica Comandante Ferraz, que serve de base para pesquisas brasileiras no continente gelado.

Na editoria Operações, destacamos a “Atlântico III”, um treinamento conjunto entre a Marinha do Brasil, o Exército Brasileiro e a Força Aérea Brasileira, realizado no Sul e Sudeste do País.

A importante missão dos Navios de Assistência Hospitalar, os “Navios da Esperança”, e o atendimento às comunidades ribeirinhas da Amazônia e do Pantanal, são relatadas na editoria Social.

Abordamos, também, em Meios Navais, a chegada do Navio -Patrulha Oceânico “Apa”, o segundo da Classe “Amazonas”, como parte do Programa de Reparelhamento da Marinha.

Em Operações Especiais, a matéria sobre a atuação da Força em grandes eventos como a Copa das Confederações e a Jornada Mundial da Juventude, enfoca o crescente trabalho da Marinha em prol da defesa e segurança de estruturas estratégicas e de áreas marítimas e fluviais.

No campo da Ciência e Tecnologia, abordamos os projetos já concluídos e os que estão em desenvolvimento no Centro de Análises de Sistemas Navais (CASNAV).

A trajetória da Almirante Dalva, a primeira mulher das Forças Armadas brasileiras promovida ao posto de Oficial-General, é estampada na editoria Carreira Naval. Da mesma forma, exaltamos o trabalho e a dedicação do nosso maior patrimônio, o pessoal, nas entrevistas realizadas com o Capitão-de-Mar-e-Guerra (FN) Feitosa e com o Segundo-Sargento (FN-IF) Roney, ambos participantes de missões de paz.

Em meu artigo, discorro sobre o Programa Olímpico da Marinha (PROLIM), responsável pela preparação dos atletas da Força para as competições dos 6º Jogos Mundiais Militares, na Coreia do Sul, em 2015, e os Jogos Olímpicos RIO 2016.

Ressalto, ainda, o texto sobre a utilidade do poder militar para o Barão de Rio Branco, escrito pelo Vice-Almirante (EN) Armando de Senna Bittencourt, na editoria História Naval.

Assim, convido a todos a conhecerem um pouco mais sobre as atividades da Marinha do Brasil. Boa leitura!

Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto
Comandante da Marinha



Marinha em Revista é um periódico da Marinha do Brasil, elaborado pelo Centro de Comunicação Social da Marinha.

Comandante da Marinha
Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto

Diretor do Centro de Comunicação Social da Marinha
Contra-Almirante José Roberto Bueno Junior

Vice-Diretor do Centro de Comunicação Social da Marinha
Capitão-de-Mar-e-Guerra Armando de Moura Ferraz

Assessor de Produção e Divulgação do Centro de Comunicação Social da Marinha
Capitão-de-Fragata Marcus Teixeira da Silva

Assessor-Adjunto de Produção do Centro de Comunicação Social da Marinha
Capitão-de-Fragata Rafael Silva dos Santos

Jornalista responsável
Primeiro-Tenente (T) Ellen Franciana Vieira Silva

Organização do material editorial
Primeiro-Tenente (T) Ellen Franciana Vieira Silva

Revisão
Capitão-de-Fragata Marcus Teixeira da Silva
Capitão-de-Fragata Rafael Silva dos Santos

Projeto editorial
Centro de Comunicação Social da Marinha

Gráfica Quality
Direção de arte e diagramação: **Gráfica Quality**



Fotografias
Arquivos da Marinha do Brasil e colaboradores

Foto da Capa
Studio 41

Tiragem
30.000 exemplares

Impressão e distribuição
Gráfica Quality

Centro de Comunicação Social da Marinha
Esplanada dos Ministérios, Bl. N, Anexo A, 3º andar
Brasília • DF • CEP 70055-900
Telefone (61) 3429-1831 Brasília.
www.mar.mil.br
faleconosco@ccsm.mar.mil.br



ESTAÇÃO ANTÁRTICA, A RECONSTRUÇÃO DE UM SONHO

24

Operações

Operação “Atlântico III” 4

Meios Navais

Novo Navio-Patrolha da Marinha chega ao Brasil 9

Operações Especiais

No mar, na terra, no ar 14

Social

Esperança Ribeirinha 19

Ciência e Tecnologia

CASNAV: Referência em Tecnologia Militar 29

Entrevista

Fuzileiro Naval fala da experiência como Chefe de Operações na Síria 33

Carreira Naval

Duas estrelas para a Almirante Dalva 36

Gente de Bordo

Segundo-Sargento (FN-IF) Roney Ferreira da Silva 39

Artigo

Programa Olímpico da Marinha 41

História Naval

A utilidade do Poder Militar para Rio Branco 43



Operação “Atlântico III”

Simulação de guerra na “Amazônia Azul”

Por Primeiro-Tenente (RM2-T) Juliana Vargas
Fotos: CB Hudson Alves Bezerra Júnior



Dez mil militares. São homens e mulheres da Marinha do Brasil, do Exército Brasileiro e da Força Aérea Brasileira que entraram em ação durante duas semanas de guerra simulada, com o propósito de preparar as Forças Armadas para aplicarem uma doutrina conjunta.

É essa a razão da Operação “Atlântico III”, realizada no final do ano de 2012, nas regiões Sul e Sudeste do País, sob a coordenação do Ministério da Defesa, por meio do seu Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. Nessa terceira edição, exercícios reais e problemas simulados prepararam as Forças para operar de forma integrada em defesa da “Amazônia Azul” e de parte do território nacional.

As linhas de comunicação marítima das Regiões Sul e Sudeste, assim como a defesa de estruturas estratégicas do País, como portos, refinarias, usinas hidrelétricas e nucleares foram o enfoque da operação. Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo formaram o Teatro de Operações, onde atuaram as Forças Componentes Naval, Terrestre e Aérea. Coube aos meios operacionais envolvidos nos exercícios a condução do controle de área e tráfego marítimo, bem como a realização de missões de interceptação, defesa de costa, patrulha marítima, transporte

aéreo logístico, defesa, coordenação e controle do espaço aéreo, além de atividades de apoio à população.

A Marinha empregou dois navios-escolta, dois navios de apoio, dois submarinos, três navios-patrulha e seis helicópteros. O Exército participou com 96 viaturas leves, 101 viaturas de transporte, nove blindados e nove ambulâncias. A Força Aérea disponibilizou quatro aeronaves de ataque, cinco de patrulha, cinco de transporte e um helicóptero.

À frente do Teatro de Operações, o Comandante de Operações Navais, Almirante-de-Esquadra Gilberto Max Roffé Hirschfeld, contou com o apoio de um Estado-Maior Conjunto, composto por Oficiais e Praças das três Forças. “Um dos aspectos principais dessa Operação é a interoperabilidade, que permite aprimorar o conhecimento entre as Forças, além de realizar novos experimentos doutrinários”, enfatizou.

Operações Conjuntas como a “Atlântico” são previstas pela Estratégia Nacional de Defesa, que possui,

“Um dos aspectos principais dessa Operação é a interoperabilidade, que permite aprimorar o conhecimento entre as Forças, além de realizar novos experimentos doutrinários”.

**Comandante de Operações Navais
Almirante-de-Esquadra Gilberto Max Roffé Hirschfeld**



Tiro sobre Alvo à Deriva

como uma das diretrizes, unificar as operações das três Forças, muito além dos limites impostos pelos protocolos de exercícios conjuntos. “Se houver uma situação de guerra, ou de ataque, vamos ter que operar juntos e não só no âmbito daquilo que foi programado, mas com capacidade para resolver problemas imprevistos. Nessa operação, os problemas são imaginados pela direção do exercício e o Comandante do Teatro de Operações e seus auxiliares têm que resolver o inopinado”, ressaltou o Ministro da Defesa, Embaixador Celso Amorim.

NO MAR

Fumaça, tiros de canhão e metralhadora, voos rasantes de aeronaves, reabastecimento, ação. Foi esse o cenário da Operação “Atlântico III”

nas águas da “Amazônia Azul”. Na manhã de 19 de novembro de 2012, a Força-Tarefa Sul (FTS), integrante da Força Naval Componente, saiu do Porto de Itajaí, dando início à operação. Defender a área marítima dos municípios de Itajaí (SC), São Francisco do Sul (SC) e Paranaguá (PR) era a tarefa da FTS, constituída pela Fragata “Niterói”, Corveta “Barroso”, Navio-Tanque “Marajó” e Navio de Desembarque de Carros de Combate “Almirante Saboia”, Navio Capitânia, e pelas aeronaves UH-12/13 “Esquilo”, UH-14 “Super Puma” e AH-11A “Super Lynx”.

Figurativos inimigos, representados por navios da Marinha do Brasil, simularam ameaças e ataques à região. O Comando da FTS, exercido pelo Comandante da 1ª Divisão da

Esquadra, Contra-Almirante Marcio Ferreira de Mello, com a assessoria do seu Estado-Maior, determinava as melhores estratégias e formas de localização e de ataque aos inimigos.

Para que fossem reunidas as informações necessárias às tomadas de decisão, o Navio Capitânia fez o uso de

“Se houver uma situação de guerra, ou de ataque, vamos ter que operar juntos e não só no âmbito daquilo que foi programado, mas com capacidade para resolver problemas imprevistos”.
Ministro da Defesa
Embaixador Celso Amorim

um Centro de Informações de Combate (CIC), estrutura que dispõe de comunicações satelitais, links de dados, videoconferência e outros sistemas capazes de receber as informações sobre o inimigo e sobre os navios da Força.

Agilidade e surpresa caracterizaram o trabalho dos mergulhadores de combate. Por meio de uma ação real utilizando *fast rope* – desembarque do helicóptero, por meio de um cabo verticalmente estendido, até o navio alvo, representado pela Fragata “Niterói” – o grupo de mergulhadores de combate embarcados no Capitânia abordou um navio suspeito de realizar pesquisas sísmicas na área de defesa da FTS. Essa ação fez parte do exercício de Incidente de Proteção Marítima.





Transferência de Carga Leve

NO AR

A integração com a Força Aérea Componente foi constante durante todas as operações marítimas, por meio da presença de um Oficial de Ligação daquela Força embarcado no NDCC “Almirante Saboia”. “Minha participação foi prevista para passar as informações de uma Força para a outra, auxiliando com contatos em tempo real”, explicou o Major Erivando Pereira Souza. Por diversas vezes, podia-se ouvir, do navio, o ruído das turbinas das aeronaves P-95, de patrulha e esclarecimento marítimo, P3, de esclarecimento e antissubmarino, e A1, para ataque de superfície, todas da Força Aérea.

Quando simulada uma avaria no Navio-Tanque “Marajó”, em um local distante do alcance de aeronaves de asa rotativa, foi a vez da aeronave Pégasus


02 da Força Aérea Brasileira entrar em ação, lançando componentes necessários para a permanência da FTS no mar.

EM TERRA

O Exército Brasileiro destacou-se pela defesa de quatro infraestruturas sensíveis: a Refinaria Duque de Caxias (REDUC), refinaria de petróleo produtora de combustível em larga escala; a Estação de Tratamento de Águas do Guandu, a maior da América Latina; a Estação Retransmissora de Furnas, em Jacarepaguá, que abastece a cidade do Rio de Janeiro; e a Estação Retransmissora Terrestre de Telecomunicação de Tanguá, em Niterói. “Nossa missão foi impedir ações de sabotagem, terrorismo ou manifestações hostis que pudessem comprometer o esforço de guerra em

uma situação real, nesses locais”, disse o General-de-Divisão José Alberto da Costa Abreu, Comandante da 1ª Divisão de Exército.

ACISO

Durante a simulação de evacuação de civis não-combatentes, cerca de 200 moradores do bairro Nova Santa Marta foram retirados do Parque Regional de Manutenção, em Santa Maria (RS), por viaturas militares. Na ocasião, foram realizadas Ações Cívico-Sociais (ACISO), incluindo assistência médica e odontológica, orientações sobre higiene, serviço de barbearia e entrega de cestas básicas. Em Cacequi (RS), o Exército Brasileiro realizou apresentação da Banda de Música da 3ª Divisão do Exército, atendimento ao cidadão com a emissão de CPF e identidade, orientação odontológica, religiosa e atendimento médico 

Novo Navio-Patrolha da Marinha chega ao Brasil

Reforço na Defesa da “Amazônia Azul”

Por Primeiro-Tenente (T) Rafael Dutra de Miranda
e Primeiro-Tenente (RM2-T) Vanessa Rosana Soares da Silva Oliveira
Fotos: Primeiro-Sargento (AR) Alexander Vieira
e Segundo-Sargento (ES) Fabrício Paravidino da Silva



O Rio de Janeiro recebeu de braços abertos, no dia 24 de maio de 2013, o Navio-Patrolha Oceânico (NPaOc) “Apa”, após um Desfile Naval pelas orlas do Leblon, Ipanema, Arpoador, Copacabana, Leme e Flamengo, atracando na Base Naval do Rio de Janeiro, seu porto sede.

O “Apa” é o segundo NPaOc da Classe “Amazonas”, construído pela empresa inglesa BAE Systems Maritime – Naval Ships. O meio naval recebeu esse nome em referência a um importante rio da região do

Pantanal, que delimita a fronteira entre o Estado do Mato Grosso e o Paraguai. O primeiro NPaOc incorporado à Marinha do Brasil foi o “Amazonas”, em 29 de junho de 2012. O terceiro, o “Araguari”, tem

previsão de chegar ao Brasil no segundo semestre de 2013.

O NPaOc “Apa” foi incorporado em 11 de março de 2013, em cerimônia presidida pelo Chefe do Estado-Maior da Armada, Almirante-de-Esquadra



“Os navios-patrolha oceânicos estão em condições de proteger os recursos brasileiros, principalmente o Pré-Sal, as rotas marítimas e tudo o que está ligado ao mar, ao oceano, à ‘Amazônia Azul’”.

**Ministro da Defesa
Embaixador Celso Amorim**



Fernando Eduardo Studart Wiemer, em Portsmouth, no Reino Unido. Durante o traslado para o Brasil, o navio fez escala em Portugal, Espanha, Mauritânia, Senegal, Gana, Angola e Namíbia. Em cada um desses portos, a tripulação do “Apa” pôde interagir com as Marinhas e Guardas-Costeiras estrangeiras, estreitando os laços de amizade e realizando um conjunto de exercícios.

MISSÃO

Patrulhar a Zona Econômica Exclusiva, proteger as plataformas de petróleo e as reservas do Pré-Sal, além de prevenir a poluição ambiental são os grandes objetivos desses novos navios, reforçando o trabalho que já vem sendo feito pela Força com os demais meios navais. Outra importante atribuição é o emprego em ações antipirataria.

“O ‘Apa’ oferece a possibilidade de fazermos patrulha naval e é voltado, exatamente, para proteger e garantir os nossos interesses na ‘Amazônia Azul’, combatendo os ilícitos nas águas”, afirmou o Comandante da Marinha, Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto.

CLASSE AMAZONAS

“A Classe ‘Amazonas’ traz para a Marinha do Brasil um novo conceito, pois possui autonomia superior a dos outros navios-patrolha e a capacidade de operar com aeronave orgânica e tropas embarcadas. Isso permite que os navios desenvolvam uma grande capacidade de presença na nossa ‘Amazônia Azul’”, disse o Comandante do NPaoC “Amazonas”, Capitão-de-Fragata Giovanni Corrêa.

As embarcações também podem ser empregadas em interdição marítimas e busca e salvamento no mar. Para o cumprimento das diversas atividades, os navios contam com duas lanchas, com capacidade para dois tripulantes e seis passageiros. Elas são utilizadas pelo Grupo de Visita e Inspeção para ações antipirataria, inspeção e patrulha naval.

Também possuem um guindaste com capacidade de carga de 16 toneladas. Sua principal função é fazer a estiva de até seis contêineres de 15 toneladas, no convés de voo. Essa possibilidade de transporte de carga, inclusive perecível, aumenta a capacidade do navio de atuar em ações de ajuda humanitária e apoio logístico.



Camarotes de Oficiais



Centro de Operações de Combate



Praça de máquinas

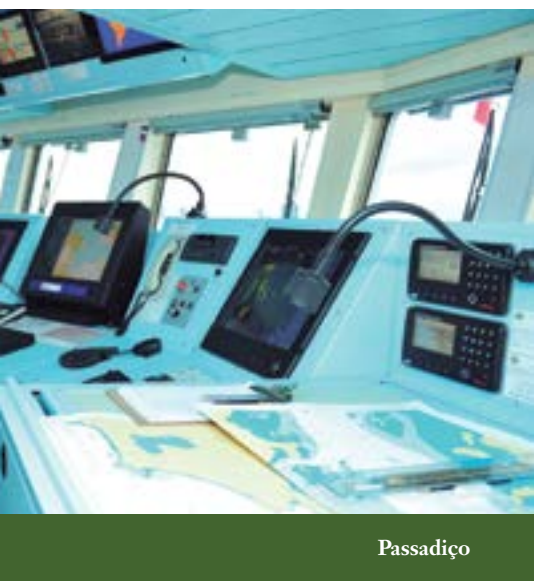




Enfermaria



Passadiço



Passadiço

“Esse navio traz toda uma tecnologia moderna, com a qual estamos aprendendo muito, nos permitindo avançar na construção naval brasileira”.

Comandante da Marinha

Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto

Há, ainda, um canhão d'água, com alcance de 80 metros, que pode ser utilizado no combate a incêndios em outros navios no mar ou em plataformas de petróleo.

A embarcação pode operar com aeronave tanto no período diurno, quanto noturno, e ainda possui capacidade de reabastecê-las com combustível.

“Os navios-patrolha oceânicos estão em condições de proteger os recursos brasileiros, principalmente o Pré-Sal, as rotas marítimas e tudo o que está ligado ao mar, ao oceano, à ‘Amazônia Azul’”, frisou o Ministro da Defesa, Embaixador Celso Amorim.

CARACTERÍSTICAS


Com autonomia de 35 dias de mar, os NPc conseguem patrulhar a costa brasileira, sem reabastecer, por períodos mais longos, a uma velocidade de até 25 nós. A tripulação de cada navio é composta por 80 militares e, ainda, há a possibilidade de transportar outros 39 como tropa embarcada. Além disso, a enfermaria conta com

10 leitos. As dimensões são de 90,5 metros de comprimento, 13,5 metros de boca e 4,5 metros de calado.

Os navios da Classe “Amazonas” possuem equipamentos e sistemas modernos, com baixo nível de manutenção, em sua maioria podendo ser feita por bordo.

“Esse navio traz toda uma tecnologia moderna, com a qual estamos aprendendo muito, nos permitindo avançar na construção naval brasileira”, disse o Comandante da Marinha.

AQUISIÇÃO DE OPORTUNIDADE

As aquisições foram de oportunidade, já que a negociação prévia de venda com Trinidad e Tobago, que havia feito a encomenda das embarcações, não prosseguiu. “Além da compra, adquirimos também o direito de fabricá-los no Brasil, se assim decidirmos. A nossa Marinha está de parabéns. Ficamos muito contentes, aqui no Ministério da Defesa, que isso tenha sido possível, graças também, à decisão da Presidenta Dilma Roussef de apoiar essa aquisição”, disse o Ministro da Defesa 

No mar, na terra, no ar

Marinha atua nos grandes eventos do País

Por Primeiro-Tenente (RM2-T) Juliana Leonel Vargas
Foto: Comando do Segundo Distrito Naval
e Centro de Comunicação Social da Marinha





“Em eventos como esses, o planejamento é coordenado entre todas as partes envolvidas. Participamos de reuniões constantes entre os coordenadores de defesa de área e os órgãos municipais, estaduais e federais envolvidos.”

Comandante de Operações Navais

Almirante-de-Esquadra Luiz Fernando Palmer Fonseca

As atenções estão voltadas para o Brasil. Afinal, em junho e em julho deste ano, o País foi sede da Copa das Confederações e da Jornada Mundial da Juventude (JMJ), grandes eventos que intensificaram o turismo nacional. A Copa das Confederações, que aconteceu de 15 a 30 de junho, recebeu 230 mil turistas brasileiros e cerca de 20 mil estrangeiros em Belo Horizonte, Brasília, Fortaleza, Recife, Rio de Janeiro e Salvador. A JMJ, realizada em julho, atraiu 2 milhões de turistas de 180 países, alcançando a inédita marca de 3,2 milhões de pessoas reunidas na praia de Copacabana. No próximo ano, o Brasil receberá a Copa do Mundo que, de acordo com o Ministério do Turismo, durante 30 dias de realização, deverá trazer cerca de 600 mil turistas internacionais. Em 2016, a expectativa é que os Jogos Olímpicos atraiam cerca de 380 mil turistas estrangeiros.

A projeção desses cenários evidenciou a necessidade de reforço das ações de defesa e de segurança, durante a realização dos eventos pelo País. Para tanto, o Governo Brasileiro criou Centros de Comando de Defesa de Área, nas cidades sede, onde Marinha, Exército, Força Aérea e os órgãos de segurança pública trabalharam de forma coordenada. “Em eventos como esses, o planejamento

é coordenado entre todas as partes envolvidas. Participamos de reuniões constantes entre os coordenadores de defesa de área e os órgãos municipais, estaduais e federais envolvidos”, explicou o Comandante de Operações Navais, Almirante-de-Esquadra Luiz Fernando Palmer Fonseca.

EIXOS DE DEFESA

Dez eixos de defesa foram definidos para os grandes eventos, até os jogos de 2016. Todos eles, com atuação da Marinha: defesa marítima e fluvial; proteção de estruturas estratégicas, em especial as de caráter marítimo; defesa aeroespacial e controle do espaço aéreo, em apoio à Força Aérea Brasileira; fiscalização de explosivos mediante inspeções em embarcações nas Águas Jurisdicionais Brasileiras (AJB); cooperação nas fronteiras, por intermédio das forças disponíveis nos Distritos Navais, cuja jurisdição alcança a faixa de fronteiras; segurança e defesa cibernética; defesa química, biológica, radiológica e nuclear (QBRN); emprego de helicópteros; prevenção, repressão e combate ao terrorismo; e força de contingência.

A defesa marítima é o principal campo de atuação da Força Naval. “Entramos em ação com toda a nossa expertise para executar patrulhas navais, inspeções navais, operações de



Centro de Comando de Defesa de Área

“O Com2º DN coordenou e liderou uma operação conjunta de ações de defesa, com elementos operativos da Marinha do Brasil, do Exército Brasileiro e da Força Aérea Brasileira”.
Comandante do 2º Distrito Naval
Vice-Almirante Antônio Fernando Monteiro Dias

esclarecimento com aeronaves”, expôs o Contra-Almirante (FN) Paulo Martino Zuccaro, Comandante da Divisão Anfíbia, designado como Chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças de Defesa do Estado do Rio de Janeiro. A patrulha naval tem o propósito de fiscalizar o cumprimento da legislação nacional por parte de embarcações, nacionais e estrangeiras, nas AJB. A inspeção naval está relacionada à salvaguarda da vida humana e à prevenção da poluição ambiental por parte de embarcações, plataformas ou suas

instalações de apoio, nas AJB.

Em função dos conhecimentos adquiridos com o seu Programa Nuclear, a Marinha foi escolhida pelo Ministério da Defesa, por intermédio do Pelotão de Defesa Química, Biológica e Nuclear (PelDefQBN), do Batalhão de Engenharia de Fuzileiros Navais, para coordenar a defesa QBRN. “Contamos com o Hospital Naval Marcílio Dias, a instalação hospitalar brasileira de referência no assunto, apta a proporcionar resposta médica adequada a acidentes nucleares de



vulto”, acrescentou o Almirante Zuccaro.

Outro destaque da Força está no campo da repressão e combate ao terrorismo, para o qual a Marinha dispõe de militares e meios especiais, tais como: comandos anfíbios, mergulhadores de combate, militares especializados em negociação em conflitos com tomada de reféns, destruição de artefatos explosivos e segurança de autoridades, além do já mencionado PelDefQBN. Segundo o Almirante Zuccaro, “na Copa das Confederações, esses elementos organizacionais fizeram parte de uma estrutura de coordenação específica, que integrou elementos de operações especiais das três Forças Armadas, tendo como órgão principal o Centro de Coordenação de Prevenção e Combate ao Terrorismo (CCPCT), em Brasília”.

Os militares atuam como força de contingência, complementando ou substituindo os órgãos de segurança pública, quando estes vêm sua capacidade esgotada. Entretanto, “se não ocorrer o mencionado esgotamento, esses elementos provavelmente sequer serão vistos pela população em

geral”, observou o Almirante Zuccaro.

COPA DAS CONFEDERAÇÕES E JMJ

A Marinha esteve no mar, na terra e no ar, durante a Copa das Confederações e a JMJ. A função principal da Força foi a defesa e segurança das áreas marítima e fluvial, além das estruturas estratégicas, como portos, aeroportos, centrais de abastecimento de água e energia elétrica, terminais de combustíveis e os estádios, no caso do evento esportivo.

Para a Copa realizada este ano, a Marinha disponibilizou um efetivo de quase 12 mil militares, incluindo grupamentos de fuzileiros navais, seis equipes de mergulhadores de combate e o PelDefQBN. Também foram empregados cinco navios-escolta, distribuídos pelos portos de Fortaleza, Recife, Rio de Janeiro e Salvador, além de 15 navios distritais e oito aeronaves.

Em Salvador, a Marinha exerceu a função de Centro de Coordenação de Defesa de Área (CCDA), sob o comando do Vice-Almirante Antônio Fernando Monteiro Dias, Comandante



Fuzileiros navais do Pelotão de Defesa QBN

“Contamos com o Hospital Naval Marcílio Dias, a instalação hospitalar brasileira de referência no assunto, apta a proporcionar resposta médica adequada a acidentes nucleares de vulto.”


Contra-Almirante (FN), Paulo Martino Zuccaro

do 2º Distrito Naval (Com2ºDN), cuja sede se localiza na capital baiana. “O Com2ºDN coordenou e liderou uma operação conjunta de ações de defesa, com elementos operativos da Marinha do Brasil, do Exército Brasileiro e da Força Aérea Brasileira”, explicou o Almirante Monteiro Dias. O CCDA é dotado de sofisticadas ferramentas de tecnologia da informação e comunicação que o interliga aos Centros de Comando e Controle das Forças Componentes e às áreas de

inteligência, segurança pública, defesa civil e diversas agências federais, estaduais e municipais envolvidas.

Já durante a Jornada Mundial da Juventude, em Copacabana (RJ), a Marinha do Brasil empregou 22 meios navais, entre navios e embarcações de apoio. As atividades de patrulha e inspeção naval aconteceram na orla do Rio, na Baía de Guanabara e na área marítima da Central Nuclear Almirante Álvaro Alberto, em Angra dos Reis.

Em terra, cerca de mil militares dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais, constituídos para a JMJ, realizaram patrulhamento, controle de trânsito e estiveram prontos para operar como força de contingência.

A área de atuação esteve dividida em 23 pontos fixos de segurança no eixo de peregrinação, desde a Central do Brasil até o Monumento a Estácio de Sá, no Aterro do Flamengo. Agentes de segurança e equipes de operações especiais também posicionaram-se em Copacabana. Essas equipes estavam preparadas para atuar no combate ao terrorismo e defesa QBRN. No total, estiveram prontos para emprego cerca de 3.300 militares 



Emprego de Carros Lagarta Anfíbios

Esperança Ribeirinha

Navios de Assistência Hospitalar da Marinha atendem comunidades na Amazônia e no Pantanal

Por: Primeiro-Tenente (RM2-T) Daniella Guedes Rocha Malito
Foto: Primeiro-Tenente (RM2-T) Daniella Guedes Rocha Malito





NAsH “Oswaldo Cruz” fundeado próximo a Itapeua (AM)

Alguns pés descalços, outros calçados, roupas modestas, ou a melhor de domingo, olhares amedrontados, porém esperançosos. Casas de madeira, sobre palafitas, barrancos, chão batido. Um navio fundeado, ou abarrancado, e militares com uma só missão: levar atendimento médico-hospitalar e odontológico a comunidades isoladas da Região Amazônica e do Pantanal.

Esse trabalho, realizado pelos Navios de Assistência Hospitalar (NAsH), conhecidos como “Navios da Esperança”, supre uma lacuna existente no atendimento médico às populações que residem em regiões distantes dos centros urbanos, às margens dos rios. “O mais importante na atuação das Forças Armadas e de outros órgãos da mesma região, é que, se não estivéssemos lá, a população não teria outra opção. Nós,

talvez, sejamos a única oportunidade dessas comunidades receberem os cuidados de que necessitam”, afirma o Vice-Almirante Antonio Carlos Frade Carneiro, Comandante do 9º Distrito Naval, sediado em Manaus (AM).

Segundo o Ministro da Defesa, Embaixador Celso Amorim, a presença das Forças Armadas nessas áreas isoladas gera na população o sentimento de pertencer ao País, ao que

“O mais importante na atuação das Forças Armadas e de outros órgãos da mesma região, é que, se não estivéssemos lá, a população não teria outra opção. Nós, talvez, sejamos a única oportunidade dessas comunidades receberem a assistência e o cuidado de que necessitam”.

**Comandante do 9º Distrito Naval
Vice-Almirante Antonio Carlos
Frade Carneiro**

chamou de “espírito de Brasil”.

Para o Comandante do NAsH “Oswaldo Cruz”, Capitão-de-Corveta André Luiz Moraes de Vasconcelos, a realização da assistência hospitalar



Militares desembarcam em uma comunidade

ATENDIMENTO

A maior parte dos atendimentos é realizada na própria comunidade, onde as equipes médicas dos navios, compostas por médicos, dentistas, farmacêuticos e demais profissionais de saúde, utilizam-se de escolas, igrejas, galpões, ou qualquer outra estrutura capaz de abrigar pacientes e equipamentos. Nesses locais, são realizados procedimentos médicos e odontológicos básicos, além de vacinação e distribuição de medicamentos. Apenas os casos mais complexos são enviados aos NAsH. Nesse caso, as pessoas são transportadas por meio de lanchas ou helicópteros orgânicos. Uma vez dentro do navio, os pacientes têm acesso a consultórios e ambulatórios médicos e odontológicos, farmácia e laboratórios capazes de realizar variados exames.

Além dos atendimentos, os militares ainda realizam nas comunidades palestras sobre escovação, prevenção

reverte-se em orgulho para a tripulação. “Sentimos um carinho muito grande, quando chegamos às comunidades. Ficamos honrados de sermos militares e temos a sensação do dever cumprido”, ressalta.

Atualmente, a Marinha do Brasil possui cinco Navios de Assistência

Hospitalar: “Doutor Montenegro”, “Oswaldo Cruz”, “Carlos Chagas” e “Soares de Meirelles”, subordinados ao Comando da Flotilha do Amazonas, sediado em Manaus; e o “Tenente Maximiano”, subordinado ao Comando da Flotilha do Mato Grosso, cuja sede se localiza em Ladário (MS).



Atendimento em escola de Itapeua (AM)



Atendimento a bordo

a Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), noções de higiene e segurança da navegação. A estrutura instalada é tal que, em apenas um dia de Assistência Hospitalar (ASSHOP), em outubro de 2012, nas margens do Rio Solimões, o NAsH “Oswaldo Cruz” realizou 1.154 procedimentos de saúde.

SENSAÇÃO DE NÃO ESTAR SÓ

Os relatos dos ribeirinhos vêm acompanhados de lágrimas e de um sentimento de imensa gratidão pelo trabalho dos militares. Fátima da Silva, moradora de Paraguai-Mirim, no Pantanal, tem sua vida marcada pelo apoio da Força. “Os navios já me socorreram três vezes. Aos sete meses de gestação, entrei em trabalho de parto, e os militares me levaram para a cidade, onde o bebê nasceu com oito meses. Em outra ocasião, meu outro filho caiu e quebrou o braço, e a Marinha o levou de helicóptero para a cidade. Mas o momento mais triste da minha vida foi quando meu netinho faleceu. Fiquei

nervosa e desmaiei. Um militar me socorreu e cheguei a ficar internada no navio da Marinha”, conta Dona Fátima, à beira do rio, enquanto espera para ser atendida em mais uma ASSHOP do NAsH “Tenente Maximiano”, na região.

Grávida de nove meses, Francilene Alpides foi atendida em sua casa de madeira, também em Paraguai-Mirim, em continuidade ao acompanhamento da gestação, realizado pelos médicos da Marinha. “É uma alegria quando vocês vêm, porque são as únicas pessoas que olham por nós”, diz a jovem, ansiosa pelo parto.

No posto avançado, instalado pela equipe do NAsH “Oswaldo Cruz” na Escola Municipal José Manoel de Souza, em Itapeua (AM), a agricultora Célia Onete acabava de ter sua filha de sete meses vacinada. “Muitas vezes, vamos à cidade e não conseguimos atendimento. Graças a Deus, vocês apareceram aqui e minha filha pôde ser vacinada”, afirma.


A falta de estrutura médica nas comunidades ribeirinhas representa

um sofrimento para a população, que precisa se deslocar até o centro urbano mais próximo, a fim de receber atendimento, mesmo sem a certeza de êxito. “O ribeirinho tem muitos problemas de saúde, mas a comunidade não tem posto. Na cidade, há um hospital, infelizmente sem recursos ou medicamentos suficientes”, ressalta Washington Barbosa, professor da comunidade Amazonino Mendes, durante atendimento a bordo do NAsH “Oswaldo Cruz”. Em Itapeua, onde não há posto de saúde, a situação não é diferente. “Aqui não

“Os navios já me socorreram três vezes. Aos sete meses de gestação, entrei em trabalho de parto, e os militares me levaram para a cidade, onde o bebê nasceu com oito meses.

Fátima da Silva, moradora de Paraguai-Mirim, no Pantanal

tem nada e em Coari, a cidade mais próxima, a estrutura do hospital está crítica”, explica Jorge Gama, agente de saúde há 20 anos na localidade.

É em meio a esse cenário, que aqueles homens e mulheres da Marinha do Brasil, subindo o barranco ou saltando das lanchas com medicamentos e instrumentos de trabalho nas mãos, tornam-se a grande esperança da população de receber cuidado, atenção, acompanhamento médico, ou mesmo a cura. E os NAsH, navegando pelos rios da Amazônia e do Pantanal, representam para os ribeirinhos a certeza de que eles não estão sós 



Palestra sobre Segurança da Navegação

SIMULAÇÃO BRASILEIRA ALCANÇA UM NOVO PATAMAR



Soluções imersivas para simulação e treinamento militar.

A **Adventure Tech** é uma empresa 100% nacional focada em fornecer soluções em tecnologias de **imersão e interação** para simulação e treinamento militar. Desenvolvemos projetos customizados para simulações imersivas com soluções esféricas e cilíndricas. **Nossas soluções permitem obter um extremo grau de realismo.**



ADVENTUREtech
TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

www.adventuretech.com.br
(61) 3201-0366

Estação Antártica, a reconstrução de um sonho

Após o incêndio ocorrido em 2012, a Marinha do Brasil supera o desafio de planejar a reconstrução da Estação. Projeto simples e elegante foi escolhido em concurso para dar nova cara às instalações.

Por:Primeiro-Tenente (RM2-T) Karla Nayra Fernandes Pereira
Fotos: Studio 41





Marcada pela pesquisa e pela produção científica, a presença do Brasil na Antártica estende-se por mais de 30 anos, por meio do Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR).

Em 2012, após um incêndio que destruiu grande parte da Estação Antártica Comandante Ferraz (EACF), a continuação do trabalho realizado por militares e pesquisadores estava cercada de incertezas. Mas o lançamento de um concurso e a escolha do projeto para a construção de uma nova EACF reacendeu o sonho de ver novamente a presença do Brasil e o prosseguimento das pesquisas no continente gelado.

O concurso “Estação Antártica Comandante Ferraz”, que elegeu o projeto arquitetônico da nova Estação, foi uma iniciativa da Marinha do Brasil, por meio da Secretaria Interministerial para os Recursos do Mar, em parceria com o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB). A previsão é que o processo licitatório para a execução do projeto termine ao final deste ano. O lançamento da pedra fundamental da estação está previsto para o próximo verão antártico. E o



“Nosso projeto é o resultado muito trabalho e, especialmente, da grande vontade de auxiliar o Brasil nesse momento tão importante de reconstrução”.

Líder da equipe do Escritório de Arquitetura Estúdio 41, Fábio Henrique Faria

início da operação da nova EACF, pela Marinha do Brasil, deverá ocorrer até março de 2015. O concurso contou com a contribuição da Frente Parlamentar de Apoio ao PROANTAR e envolveu os Ministérios da Defesa, do Meio Ambiente e da Ciência, Tecnologia e Inovação.

“O Brasil está na Antártica para ficar”, é o que afirmou o Comandante da Marinha, Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto, quando

questionado sobre a presença da Marinha e do Brasil no continente. “No próximo verão, de 2013 para 2014, reiniciaremos a construção da nova Estação. Continuaremos apoiando a ciência com nosso esforço logístico. Estamos no caminho certo”, garantiu.

PROJETO VENCEDOR

Segurança, simplicidade e elegância foram os atributos básicos que elegeram o primeiro lugar do concurso. Idealizado pela equipe do Escritório de Arquitetura Estúdio 41, de Curitiba (PR), o projeto vencedor prevê área total de 3,2 mil m² e capacidade para 64 pessoas no verão e 34 no inverno. A estação será construída no mesmo local da antiga, com investimentos estimados em R\$ 110 milhões.

De acordo com o líder da equipe vencedora, Fábio Henrique Faria, as peculiaridades do continente gelado demandaram um vasto levantamento de informações. “Foi um verdadeiro desafio idealizar o projeto

num ambiente tão extremo. Tivemos um grande período de pesquisa e de aprendizado. Procuramos saber como são as edificações construídas por outros países que também estão na Antártica para subsidiar a nossa proposta. Nosso projeto é o resultado de muito trabalho e, especialmente, da grande vontade de auxiliar o Brasil nesse momento tão importante de reconstrução”, diz o líder da equipe vencedora.

A nova Estação Antártica foi projetada para minimizar as possibilidades de um novo incêndio. Para isso, os arquitetos pensaram em isolar ao máximo tal risco, utilizando paredes corta fogo e 12 saídas de emergência. Também foi projetado por especialistas o sistema de proteção e prevenção contra incêndios.

PESQUISAS

Localizada na Península Keller, no interior da Baía do Almirantado, Ilha Rei George, a EACF é destinada a estudos sobre o ambiente. As pesquisas

realizadas no local são voltadas para a compreensão dos fenômenos naturais do ambiente glacial e das suas repercussões no âmbito global. A comunidade científica que utiliza a estação é formada por estudiosos de diversas áreas do conhecimento, entre elas oceanografia, meteorologia, biologia e geologia.

Ao longo dos anos, a presença do Brasil na Antártica foi ganhando relevância. Em 1975, o País aderiu ao Tratado Antártico e, em 1982, realizou a primeira expedição àquele continente. Hoje, já são mais de 30 missões realizadas. Na última Operação Antártica, cerca de 200 pesquisadores estiveram no local desenvolvendo estudos oceanográficos e biológicos.

De acordo com o Secretário da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar, Contra-Almirante Marcos Silva Rodrigues, o apoio da Marinha é fundamental e ressalta o esforço para manter a pesquisa no continente. “Desde o início, a Marinha

participa desse projeto, principalmente com estrutura e apoio logístico. A finalidade básica do Brasil naquele continente é a pesquisa, mas sabemos que, numa Operação Antártica, 80% dos esforços estão concentrados na estrutura logística e os outros 20% na pesquisa”, afirma.

ANTÁRTICA

James Cook foi o primeiro homem ao circunavegar o oceano Austral em 1775. Em seu diário de bordo registrou que a Antártica era cercada por “terras condenadas à eterna frigidez”. Com o passar dos anos, essa visão sofreu uma reviravolta e, atualmente, cientistas contemporâneos afirmam que o continente gelado guarda, debaixo dos mares, uma biodiversidade que pode ser comparada à dos mares tropicais.

A publicação “Brasil na Antártica - 25 anos de História”, do PROANTAR, revela que o continente influencia o clima do planeta Terra de forma

“A finalidade básica do Brasil naquele continente é a pesquisa, mas sabemos que, numa Operação Antártica, 80% dos esforços estão concentrados na estrutura logística e os outros 20% na pesquisa”.

**Secretário da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar
Contra-Almirante Marcos Silva Rodrigues**

global e, por consequência, os ecossistemas e a sociedade. As pesquisas mundiais estão focadas nas mudanças que ocorrem nas regiões polares e na análise de sua importância ambiental e econômica para o planeta. A região guarda cerca de 70% da água doce do mundo 📍



Consórcio Nacional POUPEX

Planeje a realização de seus sonhos

IMÓVEL, CARRO, MOTO E SERVIÇO

VANTAGENS

- atendimento personalizado.
- as melhores taxas.
- alto índice de contemplação.
- agilidade na liberação da carta de crédito.
- grupos financeiramente equilibrados.
- garantia da FHE.

Para militares da ativa e inativos, seus pensionistas, cônjuges e filhos, os servidores civis das Forças Armadas e seus pensionistas, os empregados do Banco do Brasil S/A e outros mediante contrato de convênio.



Conheça as condições no site
fhe.org.br/consorcio



Fundação
Habitacional
do Exército

Consulte os endereços e telefones dos Pontos de Atendimento da FHE no site www.fhe.org.br

Central de Teleatendimento ao Cliente 0800 61 3040 Ouvidoria 0800 647 8877 Central de Teleatendimento aos Surdos 0800 646 4747

CASNAV: Referência em Tecnologia Militar

Por Primeiro-Tenente (RM2-T) Vanessa Rosana Soares da Silva Oliveira
Fotos: Primeiro-Sargento (AR) Alexander Vieira



Em 9 de junho de 1975, a Marinha do Brasil (MB) incorporou à sua estrutura o Centro de Análises de Sistemas Navais (CASNAV). Havia, na época, o desafio tecnológico de avaliar o desempenho dos complexos sistemas operacionais e otimizar o emprego das Fragatas da Classe “Niterói”, primeira Classe de navios da Marinha a empregar sistemas digitais para operar armas e sensores.

A evolução tecnológica continuaria nos anos 80, com a informatização dos jogos de guerra, a modelagem do sistema militar de comando e controle para as Forças Armadas, a análise do sistema de apoio logístico da Marinha e o desenvolvimento de cifras criptográficas para a segurança das comunicações.

Em 1993, o CASNAV foi reconhecido como órgão da área de Ciência e Tecnologia da Administração Pública Federal Direta e, a partir de janeiro de 1997, iniciou suas atividades como Organização Militar Prestadora de Serviços de Ciência

e Tecnologia (OMPS-C), passando, em 2008, a ser subordinada à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação da Marinha.

CAPACIDADES TÉCNICAS

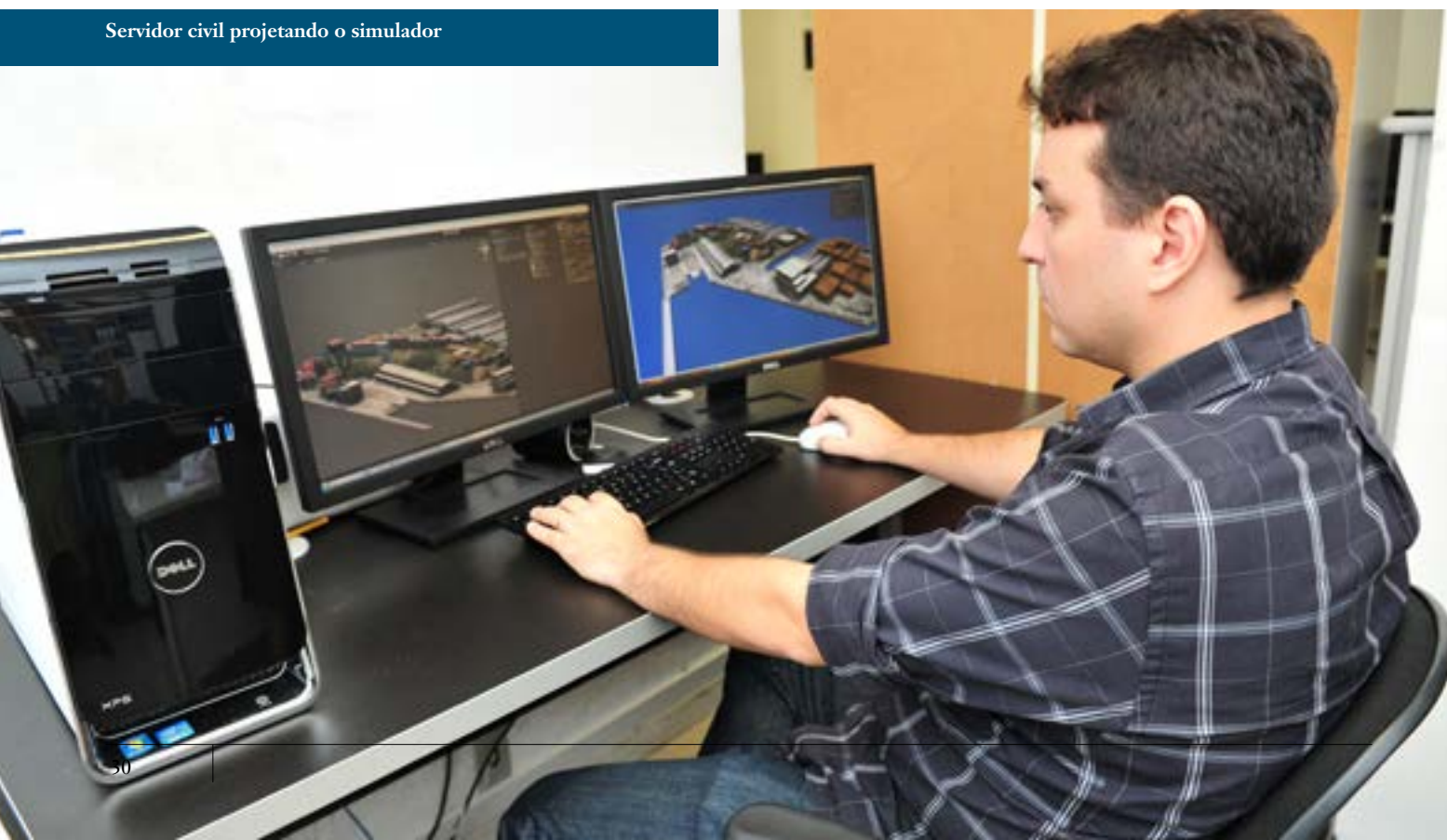
As áreas de atuação do CASNAV relacionam-se com as suas capacidades em: pesquisa operacional, tecnologia da informação, segurança da informação e simulação em ambientes virtuais.

Na área de pesquisa operacional, são aplicados métodos analíticos para auxiliar o processo de tomada de decisão, otimizando o emprego

do Poder Naval, minimizando riscos de pessoal e material, além de gerar economia de recursos financeiros. Dessa forma, o foco é a avaliação operacional dos meios navais, aeronavais e de fuzileiros navais.

A área de tecnologia da informação apoia e facilita o emprego do conhecimento, obtido pela pesquisa operacional, por meio da especificação e do desenvolvimento de sistemas computacionais em diversas áreas como comando e controle, inteligência, logística, controle de tráfego marítimo, planejamento militar, capacitação de recursos

Servidor civil projetando o simulador





Contra-Almirante Claro, Diretor do CASNAV

humanos, gerenciamento eletrônico de documentos e saúde.

A segurança da informação visa garantir a integridade, a origem e a autenticidade das informações que trafegam nos sistemas computacionais da Marinha.

Dentro dessas áreas de atuação, o CASNAV vem obtendo grandes conquistas, como a avaliação operacional dos submarinos e dos navios-patrolha, o desenvolvimento do sistema de planejamento operacional militar do Ministério da Defesa (MD), dos sistemas de controle de tráfego marítimo e de pandemias para os portos e, ainda, dos sistemas de gestão eletrônica de documentos de grande porte para a Marinha do Brasil, Ministério da Defesa e para

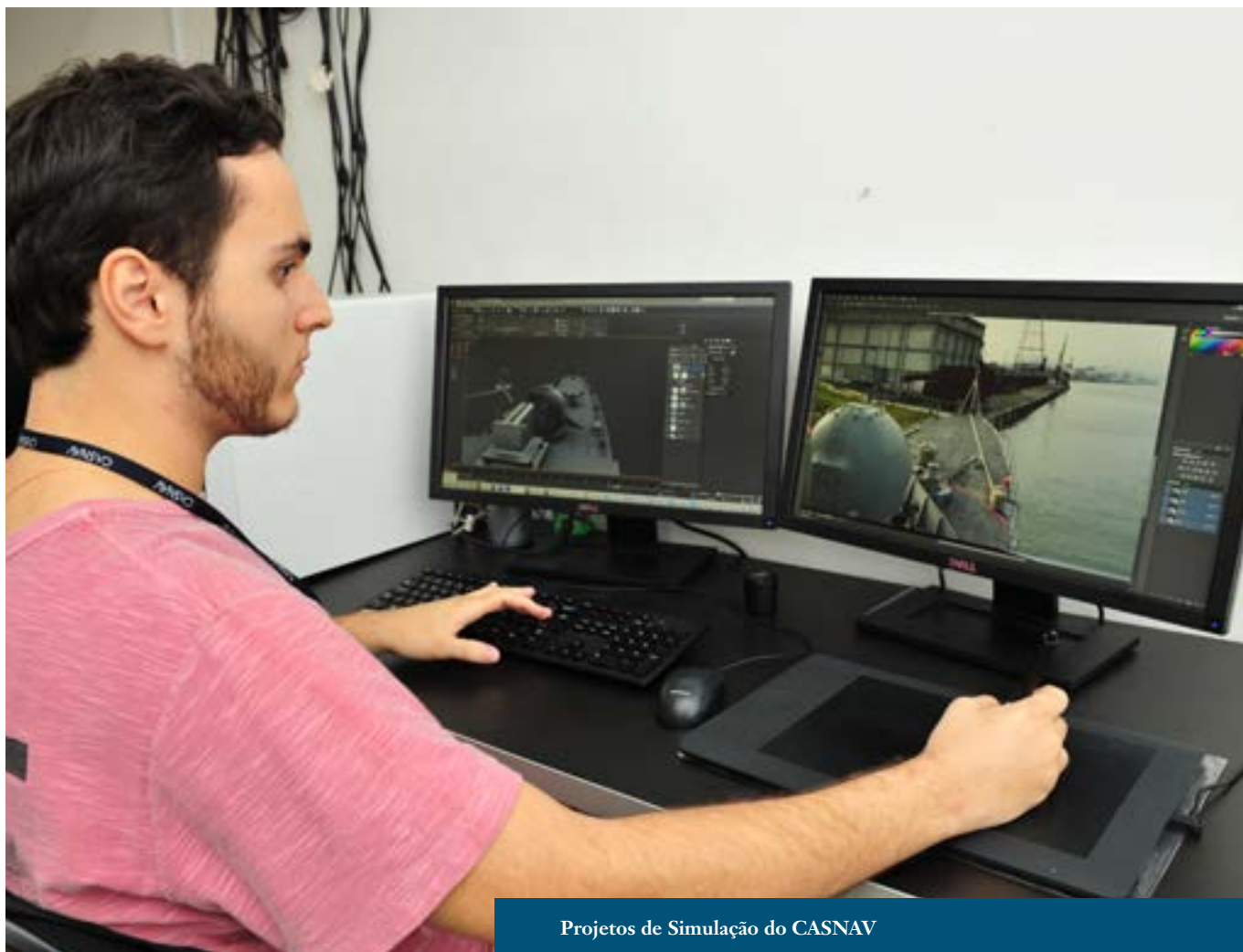
a Presidência da República. Na área de criptologia, evoluiu no desenvolvimento de sistemas criptológicos, de modelagem de ameaças e de sistemas para teste de robustecimento de algoritmos.

SIMULADOR DE NAVEGAÇÃO

Uma recente conquista do Centro ocorreu na área de simulação para treinamento em ambientes virtuais, com o desenvolvimento do simulador de navegação. Ele consiste num sistema de realidade virtual que tenta replicar as condições encontradas dentro do passadiço de um navio em operação no mar, possibilitando o treinamento do pessoal, sem os riscos de uma operação real e, conseqüentemente, com redução dos

“Passamos de meros usuários de sistemas importados para desenvolvedores e mantenedores de nossos próprios sistemas, atendendo à crescente demanda do setor operativo”.

**Capitão-de-Corveta Antonio Andre Serpa
Encarregado da Divisão de Modelagem e Simulação do CASNAV**



Projetos de Simulação do CASNAV

custos inerentes a operação de um meio.


“Atualmente, estamos desenvolvendo o Simulador de Passadiço do CIAGA (SimCIAGA) e o Simulador de Avisos de Instrução (SiAvIn), que marcam uma nova fase na área de simulação para treinamento em ambientes virtuais. Passamos de meros usuários de sistemas importados para desenvolvedores e mantenedores de nossos próprios sistemas, atendendo à crescente demanda do setor operativo. Esse tipo de treinamento é adotado por Forças Armadas de diversos países, principalmente por reduzir custos operacionais, risco de vida e material”,

disse o Capitão-de-Corveta Antonio Anddre Serpa, Encarregado da Divisão de Modelagem e Simulação do CASNAV.

O primeiro simulador entregue pelo CASNAV foi o SiAvIn, em operação desde agosto de 2011, na Escola Naval. O projeto foi iniciado em 2009, pelo Capitão-de-Corveta Claudio Coreixas de Moraes, como um trabalho de pesquisa do curso de mestrado em Modelagem e Simulação em Ambientes Virtuais, na Naval Postgraduate School (NPS), nos Estados Unidos da América. Atualmente, há SiAvIn instalados no Centro de Instrução Almirante Wandenkolk, no Centro de

Adestramento Almirante Marques de Leão e no Colégio Naval.

CERTIFICAÇÕES E PRÊMIO

Em 2003, o CASNAV obteve a Certificação ISO 9001 em todos os seus processos de desenvolvimento de sistemas. Nos anos 2004, 2005, 2007 e 2010, fruto da dedicação dos seus militares e servidores civis, foi reconhecido na faixa bronze, no Prêmio Nacional da Gestão Pública (PQGF). Em 2009, obteve a certificação, no nível “G”, do Modelo de Melhoria do Processo de Software Brasileiro, o MPS.BR. E, em dezembro de 2011, alcançou o nível “F”, mantendo essa certificação até hoje 

Fuzileiro naval fala da experiência como Chefe de Operações na Síria

Por Primeiro-Tenente (RM2-T) Vanessa Rosana Soares da Silva Oliveira
Fotos: Acervo pessoal

Graduado em Ciências Navais pela Escola Naval, em 1987, casado e pai de três filhos, o Capitão-de-Mar-e-Guerra (FN) Alexandre Feitosa desempenhou, praticamente, toda a sua carreira na área de operações especiais e de inteligência da Marinha do Brasil.

Em 2012, foi selecionado pela Organização das Nações Unidas (ONU) para fazer parte do grupo avançado, na missão precursora de seis observadores internacionais enviados à Síria, com o propósito de preparar o caminho para a chegada de outros 250 monitores, encarregados de fiscalizar o cumprimento do cessar fogo, entre o regime de Bashar Al Assad e as forças rebeldes de oposição.

Essa colaboração à paz mundial rendeu-lhe bons frutos. Entre eles, a seleção por jornalistas do jornal “O Globo” e também por votação popular, para receber o prêmio “Faz Diferença”, em março de 2013. O prêmio homenageia os brasileiros que mais contribuíram para transformar o Brasil num País melhor, com seu trabalho, suas iniciativas e seus exemplos. Coragem de mudar, determinação, talento, visão de futuro e solidariedade são qualidades que marcam os vencedores do “Faz Diferença”, desde que ele foi criado, em 2003.

E esse militar que, de fato, fez a diferença contou para a Marinha em Revista um pouco dessa história desafiadora,



audaciosa e destemida.

Como foi o seu ingresso na Marinha do Brasil? Era um sonho?

Em 1983, fui aprovado em concurso para ingressar na Escola Naval. Sempre tive o apoio de minha família, mesmo porque meu pai é fuzileiro naval. Foi para a reserva como Capitão-de-Mar-e-Guerra. Foi um orgulho para todos quando eu decidi seguir os passos de meu pai.

Desde os tempos dos bancos escolares, já pensava em fazer a diferença, em não ser mais um dentro da Instituição?

Creio que a formação e a preparação, que tive ao longo de minha vida e minha carreira, foram fundamentais para que eu “fizesse a diferença”. Resalto a excelente preparação que tive dos meus instrutores da Escola Naval e a sorte e o orgulho de pertencer à Turma Barão de Teffé, cujos componentes muito se esmeram em tentar fazer sempre o melhor, de maneira diferenciada.

Minha formação como comandos anfíbios e os anos passados no Batalhão de Operações Especiais de Fuzileiros Navais - unidade altamente especializada e preparada para as mais árduas missões, onde os limites são constantemente superados - motivaram-me, sobremaneira, a honrar e bem representar, da melhor maneira possível, o distintivo do Curso Especial de Comandos Anfíbios, a caveira que carregou nos meus uniformes.

Tendo trabalhado e convivido com inúmeros militares de todo o mundo, numa esfera multinacional, não tenho dúvidas de que a nossa preparação, na Marinha do Brasil, os adestramentos dos nossos fuzileiros navais e o alto grau de preparo das nossas tropas de operações especiais, os comandos

anfíbios, nos conduzem a um lugar de destaque no cenário mundial.

Como foi sua infância?

Sempre procurei dedicar-me aos estudos e aos esportes, prezando pela minha saúde e o meu preparo físico.

Como foi realizado o convite para participar dessa missão de paz na Síria? Na ocasião, desempenhava qual função?

Fui convidado após ter logrado êxito em processo seletivo do Departamento de Operações de Manutenção de Paz da ONU. Na ocasião, estava trabalhando como Oficial de Planejamento das Missões de Paz da ONU, no Oriente Médio.

Qual foi sua reação ao saber do resultado do processo seletivo da ONU? E a de sua família?

Minha reação foi uma mistura de estar diante de um grande desafio e responsabilidade. Minha família mostrou-se preocupada, contudo, como sempre, incentivou-me para seguir adiante.

Que cargo ocupou na Síria e quais funções desempenhou?

Fui Chefe de Operações e minhas tarefas eram de reconhecer os principais locais do conflito e prover condições, nesses locais, para o estabelecimento de equipes de observadores militares.

Como estava aquele país, quando de sua chegada?

A situação era tensa. Todos os lugares que visitávamos eram cercados de grande expectativa pela chegada da ONU. A violência estava em todos os lugares. Bombardeios, tiros, explosões. Não havia o comprometimento das partes pelo cessar fogo.

Enquanto permaneceu na Síria, quais foram suas maiores dificuldades pessoais e profissionais?

Com certeza, o contato com a família era muito complicado de ser realizado e, também, fazer com que o governo e a oposição se comprometessem a respeitar o cessar fogo.

Por quanto tempo permaneceu



nessa missão?

Cheguei no início de abril de 2012 e fiquei até o final de maio do mesmo ano.

Faria tudo novamente?

Com certeza, pois essa missão representou uma grande realização profissional para mim.

Que lições ficaram?

No lado pessoal, a recuperação de um recente AVC (Acidente Vascular Cerebral) tem me trazido muitos ensinamentos. Mais do que realizar os exercícios de fisioterapia, a paciência é constantemente exercitada. Nem sempre, a recuperação acontece na velocidade e no tempo que esperamos. Outra lição é a de estabelecer melhor as prioridades na vida. Na

parte profissional, o principal aprendizado foi com relação aos aspectos psicossociais, cuja relevância é bastante acentuada, quando planejamos uma operação em locais onde a cultura, a religião, a história e os costumes afastam-se muito daqueles que temos em nosso lugar de origem. Deve haver um estudo maior desses fatores, que muito influenciam no sucesso da missão.

Com relação ao prêmio “Faz Diferença”, concedido pelo jornal “O Globo”, no dia 27 de março de 2013, qual foi a sensação de ser premiado?

Senti-me muito orgulhoso por poder representar o País, a Marinha do Brasil e o Corpo de Fuzileiros Navais,

em um prêmio tão importante. Foi um momento de grande emoção, inesquecível, não somente para mim, como para a minha família. Agradeço o apoio de meus familiares e de meus amigos, mais especialmente de minha amada esposa Luciana, por ter me acompanhado diuturnamente. Ela foi fundamental para mim, sendo meu anjo da guarda em terra. Sem ela, não seria possível atingir o estado em que me encontro atualmente. Hoje, meu momento de vida é de superação, perseverança e fé. Para superar tais momentos, minha preparação ao longo da carreira, em especial como comandados anfíbios, ajudou-me sobremaneira a seguir em busca de ultrapassar meus limites a cada novo dia. ⚓



CONTEÚDO LOCAL PARA A INDÚSTRIA NAVAL

- Quadros Elétricos e Painéis de Distribuição
- Sistemas de Gerenciamento de Energia (PMS)
- Sistemas de Controle, Monitoração, Automação e Instrumentação
- Projeto, Desenvolvimento e Integração
- Fabricação, Instalação e Comissionamento
- Modernização de Sistemas Existentes (Upgrades e Retrofits)
- Nacionalização de Componentes
- Customizações
- Suporte Técnico 24/7





Duas Estrelas para a Almirante Dalva

Por Primeiro-Tenente (RM2-T) Fernanda Mendes Medeiros de Oliveira
Fotos: Acervo pessoal

Apresentação de Oficial-General à Presidenta Dilma

Marco histórico para as Forças Armadas, a promoção da primeira mulher ao posto de Oficial-General não podia ter outro nome: Dalva. Como o Planeta Vênus do Sistema Solar, apelidado de Estrela d'Alva por ser o objeto mais brilhante no céu noturno depois da Lua, a Almirante brilha nas fileiras do posto mais alto da carreira naval, como a única mulher Oficial-General das Forças Armadas.

Dalva Maria Carvalho Mendes, esse é o nome da primeira Oficial-General das Forças Armadas brasileiras, que entrou para uma seleta lista de autoridades que trabalham, junto aos demais militares, em prol da defesa

nacional. Na cerimônia de sua promoção, seu semblante não foi de euforia, nem de ansiedade. A então Capitão-de-Mar-e-Guerra estava, simplesmente, pronta. Pronta para ingressar em um novo círculo hierárquico. Pronta para carregar

as inéditas platinas de duas estrelas, sobre um ombro feminino. “É como se eu estivesse renovando meus votos com a Marinha”, revela a Contra-Almirante.

Anestesiologista por formação acadêmica, a Almirante Dalva



ingressou na Marinha do Brasil em 1981. Mas, antes de chegar tão longe, há muita história para contar. Tudo começou em 1956, no Rio de Janeiro (RJ), quando nasceu. Na zona norte da cidade, sempre estudou em escolas públicas. Pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, cursou medicina. Em 1979, formou-se médica. A especialidade em anestesiologia foi conquistada em 1983. E, no meio do caminho, um concurso e a aspiração à carreira naval.

Ela buscava estabilidade

O dia amanheceu diferente naquela manhã de 26 de novembro de 2012. Em um momento inédito na história do Brasil e pela primeira vez na história das Forças Armadas brasileiras, uma mulher, após 30 anos de carreira militar, galgou o posto de Contra-Almirante, patente que, até aquele momento, jamais houvera sido alcançada por uma representante do sexo feminino.

profissional ao se inscrever para o concurso da Marinha e revela que, na época, foi muito concorrido. “Fiquei sabendo por uma amiga. Quando passei, foi muita emoção. Eu consegui”, conta. Ao ser questionada sobre a reação da família, a Almirante não hesita em afirmar: “Tive o apoio de todos”. E diz que sempre se inspirou em seu pai, um torneiro mecânico, que lhe ensinou os segredos da liderança.

Sua trajetória na Marinha começou em 1981. A então Guarda-Marinha Dalva estreava a primeira turma feminina de Oficiais nas Forças Armadas. Modesta, ela diz não saber exatamente o porquê de ter sido escolhida para o posto de Contra-Almirante. “Acho que sei liderar”, reconhece a Oficial-General.

Viúva há seis anos, credita ao marido parte de suas vitórias. “Ele foi um leal companheiro, esteve sempre ao meu lado, me apoiando”. Do matrimônio vieram os filhos, Carlos Eduardo e Luciana, que orgulhosos falam da mãe. “Ela me inspira em todos os sentidos. Para mim, é motivo de honra poder estar ao lado dela, também fardada”, conta a advogada Luciana, que seguindo os passos de sua mãe, hoje é oficial de carreira da Marinha.

Carlos Eduardo, o filho mais

velho, também exalta o orgulho que sente da mãe. “Estar com ela é muito gratificante para mim. Estar ao lado da mulher que entra para a história do Brasil, é motivo de muito orgulho mesmo! Sem contar a excelente mãe. É difícil descrever”, fala emocionado.

Ao observar seu currículo profissional é impossível não se emocionar com tanta dedicação à carreira naval e à medicina. Ela descreve sua carreira e revela sua naturalidade e habilidade para comandar. Desde cedo, assumiu grandes responsabilidades. Entre seus comandos, destacam-se a chefia da clínica e a vice-diretoria de ensino do Hospital Naval Marcílio Dias, a diretoria da Unidade Integrada de Saúde Mental e a diretoria da Policlínica Naval Nossa Senhora da Glória.


Dos momentos marcantes de sua carreira e de sua vida pessoal, a Contra-Almirante apresenta uma lista infinita de lembranças. Ao ser indagada sobre um momento inesquecível, firme, ela fala da promoção, concretizada com o cumprimento à Presidenta da República, Dilma Rousseff, em Brasília (DF).

No dia 20 de dezembro de 2012, o Palácio do Planalto não era um palco comum para os

cumprimentos dos Oficiais-Generais recém promovidos nas Forças Armadas. Aquele dia, dentre Almirantes, Generais e Brigadeiros, destacava-se uma militar. Era única! E estava acompanhada de um rapaz que segurava, firme, sua mão. A Contra-Almirante Dalva estava com seu filho, quando todos os outros Oficiais-Generais seguiam com suas esposas. Para a Presidenta da República, o aperto de mão não foi suficiente. O abraço espontâneo de Dilma, quebrando o protocolo, selou a promoção da Almirante. “Minha ficha caiu naquele momento. Para mim foi o momento mais importante”, conta, emocionada.

Atualmente, a Oficial-General está na Escola Superior de Guerra e, junto com outros Almirantes, continua seu andar cadenciado, orgulhosa de chegar onde chegou.

A notícia de sua promoção correu o País. Foi destaque na imprensa nacional por vários dias. Concedeu entrevistas. Emocionou-se na maioria delas. Foi aplaudida de pé por parlamentares no Congresso Nacional. Recebeu homenagens em vários locais do País. Agora, sua promoção marca a história do Brasil, com o acesso da primeira mulher das Forças Armadas ao posto de Oficial-General.

E, assim, o ano de 2012 será lembrado como aquele em que a Nação foi apresentada a uma mulher de farda reluzente, com duas estrelas em platinas colocadas sobre seus ombros e que foi aplaudida, porque como diz a canção marinheira tornou-se o “orgulho do Brasil” 

O sorriso da mais recente conquista na carreira militar



Entre os dois filhos, no dia de sua promoção a Almirante



Embarcada, em uma de suas muitas comissões



Grávida, usando o uniforme da Marinha

No dia do seu casamento



Ainda menina, no Rio de Janeiro



Gente de Bordo



Segundo-Sargento (FN-IF) Roney Ferreira da Silva

“Quando se houverem acabado os soldados no mundo - quando reinar a paz absoluta - que fiquem, pelo menos, os fuzileiros como exemplo de tudo de belo e fascinante que eles foram!”. A madrinha dos fuzileiros navais, Raquel de Queiroz, com certeza, teve bons motivos para descrevê-los dessa maneira. No Gente de Bordo desta edição, apresentamos a história de um Segundo-Sargento que ilustra bem o pensamento da autora e todo o seu encantamento por esses combatentes militares.

No ano de 2007, o Segundo-Sargento (FN-IF) Roney Ferreira da Silva, atualmente com 38 anos, casado e pai de dois filhos, resolveu fazer a diferença em um país que necessitava do seu braço forte. Roney partiu para o Haiti, sem esperar nada em troca, alimentado por uma grande vontade de ajudar. Mais que cumprir uma missão, ele foi levar esperança. Um homem, uma família unida, três “anjinhos” haitianos e uma lição de vida. Essa emocionante história começa a ser descrita, a partir de agora, no Gente de Bordo.

Como a Marinha entrou na sua vida?

Venho de uma família de muitos marinheiros. Tenho um tio Suboficial, primos Sargentos. Isso tudo me influenciou. Meu sonho era entrar para a Marinha. Tentei a Escola de Aprendizes-Marinheiros, mas não consegui. Em 1993, fiz o concurso para soldado fuzileiro naval e ingressei na Marinha do

Brasil, em 1994. Cursei no Centro de Instrução Almirante Milcíades Portela Alves (CIAMPA), em Campo Grande, no Rio de Janeiro. Hoje, tenho 19 anos de serviço. Graças a Deus, sempre fui um bom militar, estive bem colocado e sempre tive muito prazer em servir.

Depois desses anos, por que se voluntariou para a missão no Haiti?

Em 2004, quando o primeiro contingente de fuzileiros navais partiu para o Haiti, eu ainda era aluno do Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos, mas, já naquele momento, senti a vontade de participar de uma missão de paz. Em 2007, decidi dar o primeiro passo, me voluntariando. Fiz três meses de curso com as polícias estaduais e com o Exército Brasileiro. Ao final desse período, fui informado sobre minha seleção para compor o contingente seguinte. Assim, no dia 30 de junho de 2007, embarquei para aquele país.

Decidir passar seis meses fora de casa, longe da família, da sua rotina, não deve ser fácil. Como foi a reação da sua família ao receber a notícia?

Bom, nunca é fácil. Mas tenho sorte de ter uma família muito unida. Roselaine, minha esposa, além de tudo, é minha amiga. Fui me preparando e preparando meus familiares. Sempre tive o apoio de todos.

Como foi pisar em solo haitiano?

Por mais que a gente tente imaginar, por mais que os colegas que já foram

tentem nos descrever como é o país, o choque é inevitável. Tudo o que eu imaginei era pouco. No momento da chegada, dá medo. Mas, com o tempo, a gente vai se acostumando, não com a situação, mas por estarmos lá, parece que já fazemos parte do lugar.

Como era o trabalho que os fuzileiros navais desenvolviam no país?

Nós éramos responsáveis por prevenir crimes. Estávamos divididos em grupos e cada um era responsável por uma região. O serviço era quase sempre dois por um e não podíamos andar à paisana pela cidade em nosso tempo livre. É como se estivéssemos sempre de serviço. Manter a segurança era nosso principal objetivo. O país não tinha limites. Cada habitante era dono de alguma coisa e isso gerava conflitos entre eles. Nossa principal missão era manter a paz, a estabilidade entre a população e, quando necessário, prender criminosos procurados e encaminhá-los para a ONU.

Em 2007, um furacão abalou o país, justamente na época em que você cumpria sua missão. Como foi vivenciar esse momento?

Eu vivi o furacão. Precisei me abrigar. Guardar documentos. Fomos avisados em cima da hora. Foi tenso. Mas, nos unimos e enfrentamos juntos. O mais difícil foi ver a cidade depois. Doeu, mas nós estávamos lá para ajudar.



Roney com a família

Como era o convívio com a população local?

A grande maioria da população nos adorava. As pessoas precisavam de nós. E nos reconheciam, os fuzileiros navais, em especial, pelos nossos *boots* diferenciados. Nós nos sentíamos especiais para eles.

Você conseguiu estabelecer laços de amizade no Haiti?

Eu fiz amigos. Sempre tive um bom relacionamento com o pessoal do Haiti. Mas fui privilegiado e ganhei “anjos”. “Anjos” que me incentivaram a continuar. Conheci o Daniel e seus irmãos quando fazíamos patrulha em um bairro. Daniel devia ter uns 11 anos e seus irmãos eram bem menores. Eles moravam sozinhos. A mãe havia falecido e o pai estava preso. O Daniel cuidava de tudo. Criamos um vínculo muito forte. Onde eu ia, eles iam comigo, seguiam-me. Os três eram os meus companheiros. E aliviavam um pouco a dor e a saudade de casa. Eram meus “filhos adotivos”, meus “anjinhos”. Eles precisavam de mim e eu deles. E, assim, nós nos ajudamos, o tempo todo.

Qual o momento mais emocionante?

Estávamos em patrulha e uma senhora apareceu com um bebê nos braços. Pediu-nos comida. Tínhamos

uma marmita guardada e cedemos para ela. Em um instante, num ato extremamente natural, ela nos entregou a criança e deu-nos as costas indo embora. Nós a chamamos para que pudéssemos lhe devolver o bebê e, de joelhos, ela nos pediu, chorando, implorando, que o levássemos conosco, para que pudesse ter uma chance. Esse momento foi complicado de vivenciar. Foi difícil conter as lágrimas. Tivemos, obviamente, que devolver o bebê.

Como foi a despedida?

Por mais que eu tivesse saudades de casa, e eu tinha muita, a despedida do Haiti não foi tão fácil. Justamente pelo vínculo que eu criei com as crianças. A gente se apega muito, aos colegas, à população e, especificamente, ao Daniel e seus irmãos. Antes de ir embora, deixei uma quantia em dinheiro com um colega e pedi que ele lhes comprasse leite. Não pude deixar muita coisa.

Daniel sempre me disse que nos encontraríamos no Brasil, porque ele viria pra cá ser jogador de futebol. Hoje, seis anos depois, eu ainda acredito na

caminhada daqueles meninos, mesmo sem saber se sobreviveram ao terremoto de 2010. Ainda me lembro, sinto saudades e tenho esperança de, um dia, revê-los novamente. Vou carregá-los sempre em minhas lembranças.

Como foi chegar ao Brasil?

O abraço estava guardado desde a minha ida. Rever minha família foi emocionante. Eu fui, ajudei, vivi e, quando eu voltei, eles estavam lá, saudáveis, unidos. Naquele momento, o que eu podia dar a minha família era amor e tudo o que eu recebi dela foi amor. Não me senti voltando para o lar, porque eles sempre estiveram comigo, no Haiti, todo o momento. Por isso, eu nunca me senti só.

Você faria tudo de novo?

Sem dúvida, eu faria novamente. Por minha família, pelos haitianos, por tudo o que eu sou hoje, pelas coisas que eu ensino para meus filhos (princípios e o respeito ao próximo) e por tudo que representamos para aquela população. Sim, faria tudo de novo, com prazer e com muito mais vontade 📍



Roney com Daniel (acima)



Programa Olímpico da Marinha

Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto – Comandante da Marinha

Em 24 de janeiro de 2013, decidi tornar permanente o Programa Olímpico da Marinha (PROLIM), tendo como alicerce dessa decisão os excelentes resultados alcançados, durante os 5º Jogos Mundiais Militares e os Jogos Olímpicos de Londres. Naqueles dois eventos, por meio da dedicação, treinamento e esforço de nossos atletas, em especial aqueles de alto rendimento, incorporados como militares temporários (RM2), a Marinha do Brasil pôde, de forma pioneira, expressiva e efetiva, contribuir para o desenvolvimento e engrandecimento do desporto nacional.

Fato esse que não é novidade para a Força, pois já em 1922, a então

Liga de Sports da Marinha (LSM), criada em 4 de janeiro de 1916, contribuiu efetivamente na preparação e realização dos Jogos Esportivos do Centenário, realizados na cidade do Rio de Janeiro, dentro do quadro de eventos comemorativos ao centenário da Independência do Brasil. Naquele ano, a LSM assinou um acordo de filiação à Confederação Brasileira de Desporto (CBD), sendo reconhecida como entidade esportiva e contratando técnicos, inclusive estrangeiros, por intermédio dos Adidos Navais, para as modalidades de esgrima, atletismo, natação e “saltos d’água”.

Os Jogos Esportivos do Centenário, também denominados Jogos

Olímpicos Latino-Americanos, representaram um marco para a Marinha do Brasil. Foi naquela ocasião que a Força avançou na sistematização do processo de treinamento de seus militares para as competições esportivas, nacionais e internacionais, e apresentou uma proposta de criação da Escola de Educação Física da Liga de Sports da Marinha, que se tornou realidade três anos mais tarde, em 1925, sendo a precursora do Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes, o nosso CEFAN.

PRIMEIROS RESULTADOS

Por ocasião dos 5º Jogos Mundiais Militares, das 114 medalhas que

garantiram ao Brasil o primeiro lugar, 47 foram conquistadas pelo suor, dedicação, perseverança e treinamento constante dos atletas e membros das comissões técnicas da Marinha do Brasil. Nos Jogos Olímpicos de Londres, realizados em 2012, a Marinheira (RM2-EP) Sarah Menezes foi a primeira judoca brasileira laureada com medalha de ouro em uma Olimpíada.

Para que nossos atletas alcancem seu máximo desempenho, torna-se necessário disponibilizar instalações adequadas ao treinamento. Assim, a Marinha do Brasil vem investindo na construção e na revitalização de suas estruturas desportivas. Posso citar, por exemplo, a construção do ginásio poliesportivo do Centro de Instrução Almirante Milcíades Portela Alves (CIAMPA), as instalações de apoio náutico da Escola Naval, a modernização do complexo de estandes de tiro e a construção da pista de Pentatlo Militar, no Comando da Divisão Anfíbia (ComDivAnf), e a total revitalização das instalações do CEFAN.

Por toda essa tradição desportiva, que tem também sua origem na proximidade das atividades marinheiras com os esportes náuticos, como o remo e a vela, e pelos excelentes resultados obtidos, decidi dar ao PROLIM um caráter permanente e uma aplicação nacional, convicto de que a Marinha do Brasil contribuirá, decisivamente, para o desenvolvimento do desporto nacional de alto rendimento.

O PROGRAMA

O PROLIM tem como foco principal a preparação dos atletas da Marinha para integrarem as equipes representativas do Brasil nas competições

dos 6º Jogos Mundiais Militares, que serão realizados na Coreia do Sul, em 2015, e dos Jogos Olímpicos RIO 2016, em diversas modalidades. Com esse enfoque, determinei ao Comandante-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais que elaborasse o Programa, para minha aprovação, de forma que o mesmo fosse estruturado como empreendimentos modulares, implementados por meio de projetos específicos.


É importante ressaltar que o PROLIM permite a utilização de recursos humanos, materiais e de instalações esportivas da Marinha, sem que haja o comprometimento do cumprimento da missão da Força, além de proporcionar aos jovens atletas um imensurável auxílio à melhoria de suas performances técnicas e um significativo apoio na área social.

O suporte técnico se dá por meio de treinamentos conduzidos por profissionais especializados em educação física e pela utilização das modernas instalações esportivas da Marinha. Já o suporte social é materializado pelos vencimentos mensais, pelas assistências médica, odontológica, psicológica e fisioterapêutica e pela convivência em um ambiente propício ao desenvolvimento de valores éticos e morais.

O PROLIM, em sua visão mais ampla, tem os seguintes propósitos: constante estímulo à prática da educação física e do desporto na Marinha do Brasil; seleção, recrutamento e captação de técnicos e atletas com desempenho excepcional; contribuição para o processo de inclusão social, permitindo aos jovens em vulnerabilidade social o acesso à prática desportiva de qualidade; estabelecimento de parcerias com empresas, instituições

públicas e privadas envolvidas com a atividade esportiva; participação do pessoal da Marinha do Brasil em eventos esportivos; identificação de instalações esportivas em Organizações Militares que ofereçam potencial de treinamento de modalidades de interesse da Força; e desenvolvimento do desporto de alto rendimento na Marinha, contribuindo, também, para a projeção de sua imagem no cenário desportivo nacional e internacional.

Cabe, ainda, destacar que o PROLIM, na captação de recursos humanos, além de proporcionar uma formação militar-naval e o apoio técnico e financeiro aos atletas, oferece a possibilidade de incorporação à Marinha do Brasil, como Oficiais RM2, empregados como técnicos desportistas graduados ou pós-graduados em Educação Física, ou como Praças RM2, os efetivos atletas de alto rendimento.

A viga-mestra para o sucesso do programa está não apenas na comprovada sistematização dos processos ou na gestão integrada de seus subprojetos componentes, mas também no trabalho e na determinação de cada marinheiro e fuzileiro naval da Marinha do Brasil que, nos navios, nos quartéis, nos exercícios militares ou nas competições desportivas, sabem cumprir suas tarefas, superando desafios e vencendo todas e quaisquer dificuldades que se apresentem. Dessa forma, a exemplo do que já vivemos no passado, novamente, a Marinha do Brasil, sem abandonar o cumprimento de sua missão constitucional, contribuirá com a sociedade e com o Governo Brasileiro no desenvolvimento do desporto nacional e na consolidação do Brasil como uma potência olímpica do século XXI 

A utilidade do Poder Militar para Rio Branco



Por Vice-Almirante Armando de Senna Bittencourt

José Maria da Silva Paranhos Junior, o Barão do Rio Branco, que alterou seu nome, suprimindo o Junior e acrescentando Rio Branco, após a República, foi um dos maiores estadistas brasileiros. Solucionou todos os problemas sérios de fronteiras que ainda estavam pendentes, resolvendo, em definitivo, os limites continentais do Brasil. No ano passado, completaram-se cem anos de seu falecimento, ocorrido em 1912, no exercício do cargo de Ministro das Relações

Exteriores, em seus aposentos, no Palácio Itamarati, no Rio de Janeiro (RJ).

Os acertos e desacertos de sua vida serviram para prepará-lo para as realizações brilhantes de que foi artífice, em sua maturidade. O excelente resultado que obteve, no entanto, era imprevisível e, até mesmo, em certa época, improvável. Em uma carta para seu pai – o Visconde do Rio Branco, um dos políticos mais importantes do Segundo Império –, o Imperador D. Pedro II lastima o comportamento do jovem Paranhos.

Ele era considerado um boêmio (o que correspondia ao moderno *playboy*).

Sem os desacertos e indisciplinas eventuais, os rumos de sua vida, curiosamente, seriam outros. Inquieto, apreciador da vida noturna e de uma boa conversa, mas muito inteligente e culto, teve uma formação eclética. Foi secretário do pai, no final da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. Formou-se em Direito, foi promotor, deputado (pelo estado do Mato Grosso), jornalista e, finalmente, diplomata e Ministro

Desembarque de Rio Branco, na Galeota de D. João VI, quando chegou da Europa para assumir o Ministério de Relações Exteriores. Foto do Arquivo da Marinha.



de Relações Exteriores da República, acumulando grande experiência e conhecimento. Como diplomata, exerceu o cargo de Cônsul, na cidade britânica de Liverpool, por cerca de duas décadas. Mantendo casa em Paris, nesse período, estudou em bibliotecas francesas – foi um bom historiador militar, atento à importância da Geopolítica –, cultivou boas amizades com europeus e brasileiros cultos, que muito lhe valeram e ao País, no futuro.

Quando ainda estava no exterior, resolveu com vantagem para o Brasil, duas questões de limites complicadíssimas: a “Questão de Palmas”, com a Argentina, sobre um território no futuro Estado de Santa Catarina; e a “Fronteira do Brasil com a Guiana Francesa”, com a França; ambas decididas por arbítrio internacional, previamente aceito pelas partes. Ganhou fama de competente e grande popularidade no Brasil, por sua argumentação bem fundamentada e erudita. Em 1902, aceitou o cargo de Ministro das Relações Exteriores do governo do Presidente Rodrigues Alves. Permaneceu nesse cargo por quatro mandatos. Ao chegar ao Rio de Janeiro para assumir o Ministério, foi recebido com comemoração pública e desembarcou transportado pela Galeota de D. João VI, atualmente exposta no Espaço Cultural da Marinha.

Como Ministro, enfrentou questões difíceis de serem resolvidas como, por exemplo: a do Acre com a Bolívia; a do Alto Rio Purus e do Alto Rio Juruá com o Peru; e a crise com a Argentina, que foi causada pela encomenda dos encouraçados pelo Brasil. Saiu-se bem, em todas elas.

Surpreendeu-se, porém, com o despreparo militar do Brasil naquela



A caricatura de Rio Branco é de Storni e foi publicada na revista O MALHO, de 26 de setembro de 1908.

época, mesmo em relação aos vizinhos, como se verifica em suas cartas, e incentivou o reaparelhamento das Forças Armadas, inclusive com a aquisição de armamentos no exterior, ajudando a criar um ambiente favorável para a obtenção da Esquadra recebida em 1910 pela Marinha. Acreditava, também, que as Forças Armadas precisavam preparar-se permanentemente para a guerra, principalmente para que ela não ocorresse.

Nas crises de relações internacionais que enfrentou no cargo de Ministro, bom conhecedor de história, estabeleceu sua própria estratégia de emprego do Poder Militar, que, em sua visão, deveria ser permanente, para a guerra e para a paz. Na paz, como instrumento útil para a aplicação da política externa, o que, somente na segunda metade do século XX, foi denominado de “emprego político do Poder Militar” e no século XXI foi conceituado como “diplomacia militar”.

Verifica-se que o pensamento

militar de Rio Branco pode ser considerado moderno e seria adequado até para a atual Política de Defesa Nacional brasileira, que se fundamenta “na busca de soluções pacíficas para as controvérsias e no fortalecimento da paz e da segurança internacionais” (Decreto nº 5.484, de 2005), valorizando a ação diplomática como instrumento primeiro de solução de conflitos, porém com “postura estratégica baseada na existência de capacidade militar com credibilidade, apta a gerar efeito dissuasório” (Item 6.2 do Decreto nº 5.484).

Como disse o Almirante britânico John Fisher, contemporâneo de Rio Branco: todas as nações querem a paz, porém a paz que lhes convém. O confronto dos interesses nacionais pode, portanto, levar a situações de crise e violência. Cabe às Forças Armadas respaldar esses interesses, dissuadindo o uso da força pelo oponente, para que sempre prevaleça a diplomacia e a paz, tal como desejadas pela Nação. ⚓



A OI LEVA PARA A ANTÁRTICA ALGO MUITO MAIS IMPORTANTE QUE TECNOLOGIA E INFRAESTRUTURA. CALOR HUMANO.

A OI FOI ATÉ A ANTÁRTICA PARA GARANTIR QUE TODOS
SE COMUNIQUEM. COM A MARINHA DO BRASIL, COM OS CENTROS
DE PESQUISA E TAMBÉM COM AS SUAS FAMÍLIAS.



nbs

A Oi implantou na Antártica uma infraestrutura de telecomunicações especialmente adaptada para suportar as adversidades climáticas do local. Serviços integrados de voz, dados, internet, telefonia móvel e recepção de sinal de TV. Assim, garantiu a conectividade dos militares e pesquisadores instalados na base e agilidade na comunicação dentro e fora da Estação Antártica Comandante Ferraz. Graças à Oi, ficou para trás o tempo em que o nome Antártica e a palavra isolamento tinham alguma relação.



Marinha do Brasil
www.mar.mil.br

Ministério das
Comunicações

Ministério da
Defesa

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

INSPIRAR É CHEGAR AONDE NINGUÉM CHEGOU ANTES.

*Realizar um sonho, superar desafios,
criar um novo caminho. Hildelene Lobato
Bahia venceu muitas barreiras até se tornar
a primeira mulher comandante da Marinha
Mercante do Brasil. Essa é a nossa gente.
É ela que nos inspira a ir cada vez mais longe.*

*Tão importante quanto construir novos
navios e plataformas no Brasil é inspirar
histórias como essa.*

Compartilhe inspiração.
petrobras.com.br/meinspira
#meinspira

Gente. É o que inspira a gente.



*Saiba mais
sobre essa e
outras histórias.*

Baixe um leitor de QR Code em seu
celular e fotografe esse código.

BR **PETROBRAS** 60anos

o desafio é a nossa energia

Ministério de
Minas e Energia

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA